

NOS TEMPOS DA BIOÉTICA, A PRESENÇA DOS VITIMADOS: QUESTÕES SOBRE O OUTRO

"...amareis o estrangeiro, porque fostes estrangeiros..."
Deuteromônio 10:19

José Roberto Pretel Pereira Job*

RESUMO

O artigo apresenta algumas considerações sobre a bioética, estabelecendo conexões com as necessidades de adotar um ponto de vista que inclua a participação do Outro.

Argumenta e enfatiza a necessidade de respeitar a dignidade do ser humano conforme lições ensinadas pelos filósofos Martin Buber, Emmanuel Lévinas, Franz Rosenzweig e Viktor Frankl.

Conclui, apontando para a necessidade de incluir o conceito de Alteridade, a fim de pesquisar sobre o relacionamento entre homem e homem.

Descritores: ética médica, bioética, educação médica, relações médico-paciente.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 3, n. 2, p. 24 - 27, 2001

INTRODUÇÃO

No ano de 1970, Van Ressenlaer Potter cunhou o termo bioética para uma "ciência da sobrevivência humana", a qual postulava a integração do conhecimento biológico com os valores humanísticos e promoveria com a possível extensão do saber, uma "ponte para o futuro", a oportunidade de fundamentar políticas para melhorar a qualidade de vida.¹²

Nestes últimos trinta anos, houve progressos desiguais nas sociedades e novas situações provenientes do acelerado desenvolvimento científico e tecnológico, aumentando o abismo existente entre os temas da pauta de reflexões por parte dos bioeticistas do Hemisfério Norte, americanos e europeus que se debruçam sobre as "situações emergentes", especialmente aquelas determinadas pela engenharia genética,

biotecnologia e clonagem. Do outro lado, aqueles que no Hemisfério Sul, ainda têm como compromisso principal, trabalhar também sobre conceitos que dizem respeito às "situações persistentes", especialmente aqueles relacionados com as dimensões bioéticas da cidadania, dos direitos humanos e da justiça como igualdade.⁶

Vários modelos de análise bioética são apreciados e norteiam estudiosos, sendo o modelo Principlista de Beauchamp e Childress, um dos mais citados e que, de um modo geral, guia como paradigma da bioética secular, aqueles que consideram suficientes os princípios da beneficência e não-maleficência, o da justiça e o da autonomia como capazes de fundamentar as pesquisas sobre o assunto.¹

Outro autor frequentemente citado é Tristram Engelhardt, que inspirado pela tradição liberal dos anglo-saxões, eleva a autonomia do indivíduo com o valor mais importante e, considera a consciência de si, como suficiente para justificar todas as expressões do livre-arbítrio.⁴

Edmund Pellegrino e David Thomasma em seu modelo, recuperaram uma visão mais paternalista.

Colocando a responsabilidade da ação nos ombros do seu agente e inspirados numa ética de virtudes, estabelecem valores que devem ser cultivados e conscientemente aperfeiçoados na prática de todos os dias.¹¹

Em "O Princípio de Responsabilidade", Hans Jonas defendeu uma ética da responsabilidade de todo o agir humano, de tal sorte que toda ação seja compatível com a permanência indefinida da Humanidade na Terra, uma solidariedade que liga o homem a todos que o cercam, à natureza e, principalmente, uma ação orientada para o futuro, assentada num temor pelos perigos que ameaçam a perseverança do homem neste planeta.⁷

* Professor do Depto. de Medicina - CCMB/PUC-SP.

Muito embora fundamentados, de maneira geral, excluem muitas vezes, de modo perverso, o papel exercido por aqueles seres humanos que, aparentemente, não são "suficientemente competentes" para lidarem com os próprios interesses que a realidade impõe em qualquer dos campos da reflexão bioética.

Massimo Reichlin considerou arbitrariamente para estudo, a divisão da bioética nos campos de investigações fundamentais, das políticas de saúde e da prática clínica; concluiu que embora intercomunicantes, cada campo exige para seu estudo, uma individualização metodológica, pois são diferentes as condições econômicas, políticas de saúde pública, bem como os códigos deontológicos e as capacidades em tecnologia.¹³

Para aqueles que cotidianamente praticam a clínica, sem descartar as posições acima explicitadas, necessariamente há de incluir uma exigência: a de que todo humano deve ser tratado humanamente.

Na presente investigação, explicitadamente, o plano de estudo limita-se à relação terapêutica no campo que vincula-se às aspirações do doente de modo sinérgico, aos projetos de tratamento do médico considerando presença iluminadora obras escritas de autores que vivenciaram o extremo da negação do humano.

OBJETIVOS

- 1 - Contribuir com um modelo de análise teórica que leve em conta as perspectivas da antropologia filosófica, particularmente a dimensão ética.
- 2 - Fundamentar tal tendência filosófica em base de um Humanismo visto como um projeto humano que reconhece na alteridade, um critério válido da ética.
- 3 - Interpretar a realidade da relação médico-paciente conforme os instrumentos conferidos pela postura teórico-epistemológica da fenomenologia.
- 4 - Retirar o caráter abstrato de algumas formulações éticas, validando-as num conhecimento que se ligue à prática clínica da relação com o cliente.

METODOLOGIA

Aceitar como premissas básicas:

- A - Que cada indivíduo como ser único e

original, unifica-se em sua subjetividade, tornando-se pessoa.

B - Que toda existência é coexistência.

C - Que a tomada de consciência de si, somente se justifica pela abertura ao relacionamento com os outros e o mundo; por conseguinte, a pessoa se constrói na história dos seus relacionamentos.

D - Que o repisar em terrenos fertilizados pelos pensamentos dos filósofos Martin Buber, Franz Rosenzweig, Emmanuel Lévinas e Viktor Frankl, homens que vivenciaram como vítimas a violência da discriminação e da exclusão, encontre neste esboço inicial, de caráter deliberadamente despojado, os testemunhos comuns da eticidade, condensados de modo relevante, que transitam como um método pelos e nos escritos teóricos arbitrariamente selecionados de tais autores, e que enraizaram na vida, uma ética da resistência do humano no mundo.^{2,3,8,9,10}

RESULTADOS

1 - Que o médico, como o paciente, vive a experiência que tem de ser ética, a constante tensão do diálogo entre a intimidade e o desocultar-se; a nudez que se mostra com "difícil liberdade" a ser conquistada, pois necessita do não envergonhar-se diante de si próprio.⁸

Ambos passam, do mesmo modo, a si mesmos, um atestado de coragem ao dizer "não" ao drama da indiferença do homem para com o homem, não ao "eclipse do humano" que hoje fere a sociedade em tempos de narcisismo.^{2,3}

2 - Que o face a face é a experiência ética por excelência, pois o rosto do Outro quando aparece, funda a relação entre seres humanos concretos, de carne e osso, dando um sonoro não ao horror desgastante que as atribulações do mundo moderno tentam seduzir com falsos valores. É o alerta para o sentir, o pensar e o agir na compreensão da sua doença e sua saúde, da sua tristeza e sua alegria, o chamamento para o exôdo comum pelos dias da vida até a ultrapassagem da fronteira final.

3 - Que a auto-afirmação como membro da natureza humana, não é uma simples tarefa intelectual à necessidade de obedecer ao codificado, mas sim, o projeto de uma vida, a

compreensão de que não há mundo sem relação de diálogo intencionalmente estabelecido com aquele que lhe fez face em todos os instantes, mas em particular nas crises em que o homem se encontra desesperado, no vazio existencial quando a doença quase o sucumbe sob as terríveis forças que incontroladas teimam em subjugar os seus planos pessoais e sociais, ocasiões em que se impõe o desafio: "quem me compreenderá?"⁹

Do outro lado, aquele que o é, se ajudará na elucidação do enigma que o estado de doença provoca, constantemente se preparando para tal amanhã, descobrindo-se nos olhos do outro, na procura e nos encontros sucessivos dos sentidos que o humano esconde e revela em sua presença ativa no mundo, na vivência e convivência na comunidade dos homens, a realidade reunida do conhecimento e da técnica que suportam e justificam, apesar da certeza do fim, a luta cotidiana na tarefa do existir.²

4 - Que a responsabilidade pela sorte do mundo, a capacidade de o destruir ou de restaurá-lo num infinito diálogo com o circundante é intransferível e que, para não nos tornarmos também vítimas da insensibilidade, não se pode calar, numa obrigação de declarar-se sobre o que jamais será suficientemente dito na dinamicidade de uma vida.^{2,3,8}

5 - Que as questões que habitualmente se levantam, transcendem as da técnica, da tecnologia e da ciência: fundam-se obrigatória numa ética pessoal, intransponível; a recuperação do original sentido que a eticidade significa "a criação do Eu que se descobre como não-coisa, a partir da consciência da presença de um Tu que ilumina a relação", exemplo inicial do filho que se enxerga no brilho reflexivo dos olhos da mãe.^{2,3}

6 - Que a negação do Outro, "delirante violência contra o si mesmo ao persistir na auto-referência" é desagregação da realidade. Para uns, a ilusão do consumismo desnecessário e supérfluo, para outros, o vagar dos sem-nada pelos cruzamentos do mundo. Para ambos, o desencanto de quem caminha na neutralidade da solidão. O cateterismo cardíaco negativo, o reparo cirúrgico terminado, mais um caso atendido, a vida e a morte em estatísticas.¹⁴

7 - Que em qualquer situação conflitiva a conduta tomada seja aquela que permanece sobre a dinâmica linha divisória entre o mínimo do mal e o

máximo do bem que leva a cabo, pois é o respeito pela alteridade que fundamenta a decisão. Não a subversão do entendimento que no campo da saúde pela espetacularização do atendimento é promovido a representações, que ao sabor de interesses comerciais e políticos confunde a todos, gerando modelos tensos de conflagração entre os pólos humanos que se encontram. Não se pode escapar à destinação do Outro, pois pela omissão, substitui-se a própria vítima e ambos se tornam reféns.^{8,10}

8 - Que toda vida humana e, portanto também, todo o sofrimento, tem um sentido potencial, inerente e latente em cada situação que a pessoa enfrenta durante o seu ciclo vital. Daí se ancora a idéia de que é possível a descoberta, invenção ou criação do mesmo e partir da compreensão que se funda na relação mútua.⁵

9 - Que o Outro sempre tem valor e que sem exceção, potencialmente e em qualquer situação, o ser humano é capaz de se ultrapassar, erguer-se para além de si mesmo e transformar a tragédia pessoal em triunfo surpreendente para aqueles que o enxergam limitado. A relação que suporta está englobada numa consciência das potencialidades que o ser afetivo faz desabrochar, o legítimo interesse que capacita e restitui ao humano a sua humanidade.⁵

10 - Que mesmo no apogeu dos tempos sombrios da sociedade baseada na tecnologia, há subversão e distorção do princípio da autonomia, uma vez que nem todos estão com as necessárias informações disponíveis, em plenas condições de controle de seus desejos e ações no tempo, aptos para um raciocínio límpido, do princípio da beneficência e da não maleficência pelas distorções que o subjetivismo das escolhas impõe, bem como do princípio da justiça, uma vez que não há equidade pelas enormes diferenças econômicas, sociais e culturais que transpassam os diversos países. A relação fundada numa ética de respeito ao Outro, restaura e nutre um projeto de esperança que numa nova ordem mundial se constitui num compromisso com a cultura do respeito pela vida e na responsabilidade individual e coletiva com o mundo que se quer deixar como herança. É a filosofia levada "ao infinito do ser-para-o-outro na proximidade como sabedoria do amor".⁹

CONCLUSÕES

O ponderar sobre o Outro já está integrado à prática médica, constituindo-se num objeto necessário de reflexão, pois a presença do rosto compromete com a fraternidade humana.

A reflexão que inclui o Outro como sujeito e protagonista do encontro, é a que satisfaz o apelo ético que na hospitalidade declarada, fomenta a livre vontade para que juntos, desvele-se a significação do co-existir como cidadãos do mundo.

Abarcar o Outro na ação é afirmar a sua competência, é referenciá-lo para si mesmo e para o sistema social, incluindo-o na dimensão de agente da possível e necessária humanização da sociedade.

Tal inclusão é confirmar ambos os pólos da relação como adultos corresponsáveis e solidários no reconhecimento e resolução dos males de que devemos nos libertar.

SUMMARY

This article presents some considerations about bioethics establishing a connection with the necessity to adopte the point of view that includes the participation of Other.

It arguments in order to emphasize the need of respect for the dignity of the human being as the lessons administered by the philosophers Martin Buber, Emmanuel Lévinas, Franz Rosenzweig and Viktor Frankl.

It concludes by pointing the needs to the

including the concept of otherness in order to researching about the relationship between man and man.

Key Words: ethics, medical, bioethics, education, medical, physician-patient relations.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Beauchamp TL, Childress JF. Principles of biomedical ethics. 4th ed. New York: Oxford University Press; 1994.
2. Buber M. Eu e tu. 2^aed. São Paulo: Cortez e Moraes; 1979.
3. Buber M. Que es el hombre? Mexico: Fondo de Cultura Economica; 1985.
4. Engelhardt HT. The foundations of bioethics. New York: Oxford University Press; 1986.
5. Frankl VE. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. 2^aed. Petrópolis: Vozes; 1991.
6. Garrafa V. Bioética, saúde e cidadania. Mundo Saúde 1999; 23:263-9.
7. Jonas H. The imperative of responsibility in search of an ethics for the technological age. Chicago: The University Chicago Press; 1984.
8. Lévinas E. Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade. Lisboa: Edições 70; s.d.p.
9. Lévinas E. Humanismo do outro homem. Petrópolis: Vozes; 1993.
10. Lévinas E. Entre nós: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis, Vozes; 1997.
11. Pellegrino ED, Thomasma DC. For the patient's good: the restoration of beneficence in health care. New York: Oxford University Press; 1988.
12. Potter, VR. Bioethics the science of survival. *Perspect Biol Mol* 1970: 127-53.
13. Reichlin M. Observations on the epistemological status of bioethics. *J Med Philos* 1994; 19:79-102.
14. Rosenzweig F. The star of redemption. Notre Dame (Indiana): University of Notre Dame Press; 1985.